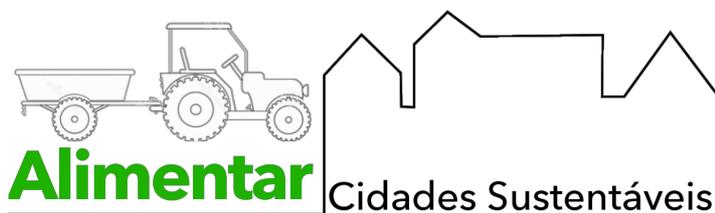


# Relatório

Resultados dos  
grupos de  
trabalho



Workshop e visita à  
Horta e Vinha  
Comunitária do Murtal,  
inserida no Programa Terras de  
Cascais  
**22 de Fevereiro 2019**

**Índice:**

Introdução.....	2
Temas abordados no trabalho de grupo.....	2
Resultados dos grupos de trabalho.....	3
Breve avaliação e conclusões.....	7
Agradecimentos, lista de participantes e outras informações.....	7

**INTRODUÇÃO:**

Este workshop responde a uma das atividades definida como prioritárias no inquérito realizado aos membros do grupo Alimentar Cidades Sustentáveis, em Novembro de 2018. Está prevista a realização de outros encontros presenciais, em data e local a definir, durante o ano de 2019. Através destes encontros pretende-se: 1) Dar a conhecer as iniciativas existentes; 2) Fomentar o intercâmbio de experiências e diálogo entre participantes; 3) Divulgar o grupo Alimentar Cidades Sustentáveis.

O 1.º encontro realizado em Cascais no dia 22 de Fevereiro/19, teve como tema a vertente produtiva da Agricultura Urbana e com caso de estudo a Horta e Vinha Comunitária do Murtal, inserida no Programa Estratégico Terras de Cascais, e gerida pela Cascais Ambiente - EMAC - Empresa Municipal do Ambiente de Cascais.

**Do programa constavam as seguintes atividades:**

09:00 | 9:30 – Receção dos visitantes, Cascais Ambiente

09:30 | 10:00 – Apresentação da Cascais Ambiente, Eng.º Luís Capão

10:00 | 12:15 – Visita à Horta e Vinha Comunitária do Murtal

12:30 | 13:30 – Almoço volante, Casa de Cal

13:30 | 14:00 – Apresentação dos trabalhos, formação de Grupos

14:00 | 15:30 – Trabalho em Grupo

15:30 | 16:30 – Apresentação de resultados de cada grupo

16:30 | 16:45 – Sessão de encerramento

**TEMAS ABORDADOS NO TRABALHO DE GRUPO:**

Durante a tarde decorreu período de debate, subordinado aos seguintes temas: 1. Recursos e resíduos; 2. Participação pública na gestão e manutenção dos espaços; 3. Desafios de desenho e de projeto; 4. Características do programa e gestão de horticultores. Para cada tema tinham sido identificados um conjunto de desafios prioritários pela equipa que preparou o evento.

**Tema 1 - Recursos e resíduos foram identificados** - identificados os seguintes desafios: O solo como recurso; Composto e fertilidade da Horta; A água, recursos locais ou água da rede.

**Tema 2 - Participação pública na gestão e manutenção dos espaços** - identificados os seguintes desafios: relacionamento entre hortelões; cumprimento dos deveres enquanto utilizadores do espaço; responsabilização e sentido de pertença dos hortelões; desafios de gestão destas dinâmicas por parte dos técnicos responsáveis da Cascais Ambiente.

**Tema 3 - Desafios de desenho e de projeto** - identificados os seguintes desafios: critérios que guiam o desenho de uma horta; Objetivos do projeto; contexto envolvente (população local, características do terreno, etc.); Condicionantes em termos de recursos naturais e financeiros; equipamentos da horta.

**Tema 4 - Características do programa e gestão de horticultores** - identificadas os seguintes desafios: Inscrições e lista de espera; Critérios de atribuição de parcelas; Regulamento geral: Direitos e deveres; Ferramentas de gestão.

**Metodologia:** Após a organização dos 4 grupos de trabalho foram reformulados os desafios e debatidas as soluções consideradas relevantes. Os resultados foram apresentados posteriormente em plenário.

## RESULTADOS DOS GRUPOS DE TRABALHO:

### Tema 1 - Resultados do Grupo de Trabalho - Recursos e Resíduos

A discussão decorreu ao redor de problemas/soluções práticas desde o planeamento da horta até à manutenção da mesma.

Identificaram-se diferentes elementos fundamentais para o sucesso do cultivo da horta: água, solo, fertilidade, resíduos, plantas e controlo fitossanitário / bio pesticidas.

**1 – Água** – poderá ser proveniente da rede local, poço ou furo. Caso seja proveniente do poço ou furo será importante recolher uma amostra e enviar para análise, para garantir a qualidade da mesma e a segurança alimentar. Quanto ao sistema de rega, o mais indicado será, rega localizada e não automática.

**2 – Solo** – conclui-se que será importante haver consonância entre as equipas de trabalho, ou seja, a equipa de projeto deverá trabalhar com a mesma linha de pensamento com a equipa de instalação da horta. Constatou-se que existe uma grande lacuna neste sentido. É muito importante as análises de solo (análise sumária e a metais pesados), pois permitem mais uma vez a garantia da qualidade do solo, o conhecimento sobre o equilíbrio nutricional, a segurança alimentar e claro a credibilidade do projeto.

**3 – Fertilidade** – quanto à importância da fertilidade do solo nas hortas, determinou-se que a atribuição de compostores individuais/comunitários para a realização da compostagem caseira é fundamental para o sucesso da fertilidade dos solos e claro para a reciclagem dos resíduos orgânicos do espaço. Para que tal aconteça é importante a fiscalização/monitorização dos compostores/processo de compostagem.

**4 – Resíduos** – Verificou-se que é um problema nas hortas dos vários parceiros representados no workshop. É necessário, locais apropriados para colocação dos diferentes tipos de resíduos especificamente os orgânicos. O grupo é da opinião, de não colocar ervas “daninhas” e plantas com pragas e doenças no compostor, de modo a evitar a propagação de ervas e doenças (uma vez que é uma prática caseira não há controlo de parâmetros)

**5 – Plantas** – Sugeriu-se a existência de viveiros comunitários nas hortas, criação de um banco de sementes, eventos para dinamizar a troca de sementes entre hortelãos e workshops relacionados com a colheita e conservação de sementes.

**6 – Controlo Fitossanitário/Bio pesticidas** – Relativamente a este assunto, concluímos que antes de pensar em eliminar/curar devemos prevenir, ou seja, fomentar/promover a biodiversidade e as boas práticas agrícolas, para o sucesso da horta!

**Autora:** Cristina Ferreira | Unidade de Educação e Formação Ambiental, LIPOR

## Tema 2 - Resultados do Grupo de Trabalho - Participação pública na gestão e manutenção dos espaços

Este grupo trabalhou a problemática da comunicação e participação dos hortelãos na gestão dos espaços comuns. Foram identificados os problemas mais relevantes e propostas soluções suportadas nas práticas dos membros do grupo:

### 1 – Como gerir hortas, de forma participada, num contexto de diversidade?

- É importante conhecer e trabalhar o histórico da horta – ex. – quem já lá estava, quem são os líderes naturais, etc.
- Cada horta é uma situação específica, i.e., contexto dependente. Não há um manual de boas práticas que responda a todos os desafios, embora haja um conjunto de recomendações que devem ser seguidas
- As escalas mais pequenas (menor número de hortelões) são mais fáceis de gerir. Apontado como ideal 30 lotes (dimensão adotada pela Autarquia de Cascais)
- É importante construir relações de confiança entre a equipa técnica e os hortelãos. E.g. eventos de confraternização, piqueniques, etc..
- Devem ser trabalhadas as relações horizontais, inclusivamente com os representantes das autoridades
- Em caso de conflitos inultrapassáveis deve ser a autoridade a definir as regras
- É importante existir na equipa técnica pessoas com perfil social e habilitadas a gerir conflitos
- Haver um contacto direto com o gestor da horta

### 2 - Como operacionalizar os meios de comunicação, com diferentes públicos?

- Identificar quem são os líderes “naturais” do grupo.
- Dar a cara – comunicação oral entre hortelãos e equipas técnicas
- Fazer reuniões periódicas com os hortelãos
- Ter recursos humanos / técnicos suficientes para fomentar o diálogo
- Utilizar um leque alargado de meios de comunicação de forma complementar e exaustiva – e.g. Redes Sociais, SMS, Email, telefone...

- Testar diferentes meios até perceber qual o que funciona e com quem. Há que existir flexibilidade nos métodos de comunicação.

### 3 - Quais são os limites de intervenção dos técnicos, nomeadamente em relação aos deveres coletivos?

- Os limites de intervenção dos técnicos estão dependentes do perfil da entidade que gere o espaço. Em geral as Autarquias têm maior dificuldade de intervenção porque estão sobrecarregadas por transmitos administrativos mais complexos.
- Quando a comunicação está “bem trabalhada” os conflitos são em geral minimizados o que aligeira o papel “punitivo” e regulador da autoridade.
- Nas situações em que há o pagamento da anuidade do lote, por norma, existe uma maior perceção de sentido de posse do lote (propriedade privada) o que dificulta a intervenção regulatória da autoridade.
- Uma estratégia de fortalecimento das relações interpessoais entre hortelãos diminui o ónus dos técnicos e facilita a resolução de conflitos.

### 4 - Como facilitar a partilha de recursos entre os hortelãos?

- Estimular relações de confiança entre hortelãos – este processo é facilitado em contextos de menor dimensão (ex. 30 lotes) comparativamente com intervenções onde há um número elevado de lotes (ex. 200 lotes)
- Recursos humanos / técnicos suficientes para “trabalhar” a sociabilização entre hortelãos
- Em caso de conflito o “Tutor da Horta” pode intervir no limite das suas capacidades (figura criada pela Cascais Ambiente para facilitar a comunicação entre os hortelãos e entre esses e os técnicos). Quando a intervenção do tutor não é eficaz a situação deve ser resolvida pelo técnico representante da autoridade.

**Autora:** Cecília Delgado | Alimentar Cidades Sustentáveis | CICS.NOVA FCSH Universidade Nova de Lisboa

## Tema 3 - Resultados do Grupo de Trabalho - Desafios de desenho e de projeto

A discussão decorreu ao redor de problemas/soluções práticas na construção de uma Horta Comunitária. Foi possível identificar diferentes elementos que compõem um projeto, e que têm relevância ao nível de desenho inicial/planeamento, custos e implementação. Os principais elementos identificados foram :

**Caminhos** – precisam ser mais compactos, para mobilidade, porém sem perder a permeabilidade do solo. Uma solução através do uso misto do saibro e cal, pode ajudar a reduzir custos e criar melhores condições físicas para o trabalho do dia-a-dia, no entanto o problema da impermeabilidade ainda aparece nestes casos, causando excesso de água nas laterais e até nas hortas. Sendo assim, uma solução de placas de betão poroso pode apresentar maior permeabilidade; para além deste atributo, pode ser benéfica esta última abordagem devido ao menor custo por m2 do que a anterior. Há um lado menos amigo do ambiente, neste caso, por ser betão; porém é uma solução mais ajustada para a função dos caminhos, que devem ser consistentes, permeáveis, sem degradação e a um custo mais reduzido. Também é uma solução de rápida instalação.

**Gestão de Espaços (Comuns e parcela de Aromáticas)** – a fim de evitar o fenómeno da Tragédia dos Comuns, neste caso das áreas comuns, onde não há responsabilidade atribuída, fica como solução passar a gerir a “zona” das Aromáticas, como uma parcela – a das Aromáticas. No caso das áreas comuns, foi identificada a necessidade de haver melhores condições de uso – sombra das árvores e talvez recorrer a outros equipamentos lúdicos, se houver esta possibilidade. Também é uma zona onde pode ser potenciada as relações humanas e intercâmbios nas Hortas.

**Abrigos** – neste caso há um registo de rápida degradação dos equipamentos, sobretudo portas e a estrutura da madeira/construção. Talvez esteja na hora de buscar soluções com novos materiais, por exemplo a fibra de cânhamo, entre outras que já estão presentes na Construção Civil. O objetivo é implementar soluções com maior durabilidade, resistência e talvez, melhor Design.

**Vedações** – entre vários fatores que determinam a viabilidade de uma boa vedação é o custo, neste caso, uma solução interessante e que tem sido utilizada em alguns casos, seja por motivos de melhor visibilidade ou custo, são as vedações de “redes electro soldadas”. As vedações tradicionais em madeira, tipo cerca, são caras e nem sempre se cria o melhor ambiente a nível de transparência do que se tem feito dentro das Hortas.

**Compostagem** – uma solução básica e acessível pode ser feita através de paletes de madeira.

**Sistema de irrigação (torneiras)** – a utilização de tubos galvanizados nas partes aéreas do sistema é positiva, bem como recorrer a “joelhos rotativos”.

**Autor:** Rodrigo Salles | Sementes Vivas. S.A.

#### Tema 4 - Resultados do Grupo de Trabalho - Características do programa e gestão de horticultores

O debate abordou os aspetos relativos à gestão das inscrições e aos critérios de seleção da atribuição das parcelas e hierarquização dos inscritos.

##### Gestão das inscrições:

- Importância de estabelecer normas claras de acesso e adotar uma metodologia fiável de verificação do seu cumprimento por parte dos inscritos.
- Respeitar intransigentemente estas regras e criar mecanismos para o seu escrutínio.
- Principal problema: dificuldade em dar resposta à lista de espera porque, apesar da criação regular de novas hortas comunitárias (1 horta em 2009; 24 hortas em 2018), o n.º de inscritos tem aumentado a cada anúncio/perspetiva de criação de novas hortas.
- A criação do banco de terras local (à data, em funcionamento há cerca de um mês) pretende dar resposta a este problema.

##### Crítérios de atribuição das parcelas:

- Importância de reservar uma quota para os residentes locais, incluindo eventuais hortelões que já exploravam parcelas antes da implantação da horta.

- A experiência mostra que a atribuição das parcelas entre os residentes locais e os restantes residentes deve ser 40% /60%.

**Autora:** Maria José Ilhéu | Rede Rural Nacional/ DSTAR

#### BREVE AVALIAÇÃO E CONCLUSÕES:

**Dinâmica do workshop:** Para os resultados deste workshop foi fundamental: 1) o contacto com a experiência de Cascais, muito especialmente através visita à Horta do Murtal e das apresentações, pela equipa técnica, dos métodos de trabalho adotados; 2) a presença de um número consistente de participantes com os mais variados perfis, e.g.: autarquias, empresas municipais, associações, privados, etc., mas também tutores de bairro e hortelãos, academia, etc..

**Conclusões preliminares a partir dos resultados dos trabalhos de grupo:** Globalmente conclui-se que cada iniciativa é contexto dependente e única. Não existindo um manual de boas práticas que responda aos desafios de todas as iniciativas, foi possível construir coletivamente um conjunto de medidas. Recomenda-se a leitura atenta dos resultados dos grupos de trabalho. Destacam-se as seguintes medidas:

Intervenções com menor número de lotes são mais facilmente gerenciáveis e facilitadoras de relações de confiança entre hortelãos, o que agiliza a comunicação e a colaboração ente os hortelões e as equipas técnicas/ representantes das autoridades. O exemplo de Cascais que estabelece como número máximo os 30 lotes, foi reconhecido como sendo ideal.

As relações de confiança podem ser fomentadas por atividades de partilha de recursos, e.g. viveiros comunitários nas hortas, criação de um banco de sementes, eventos para dinamizar a troca de sementes entre hortelãos, e workshops relacionados com a colheita e conservação de sementes.

O desenho de projeto pode estabelecer espaços de partilha, intercambio e convívio nas áreas comuns. Foi identificada a necessidade de haver melhores condições de uso destes espaços coletivos, através do recurso à sombra das árvores e eventualmente equipamentos lúdicos.

Por fim, a experiência de Cascais demonstra que a atribuição dos lotes deve, preferencialmente, obedecer à proporção de 40% para os residentes no bairro, o que permite o controle natural do espaço e 60% para os residentes nas freguesias limítrofes, o que permite responder à lista de espera, mas também, expandir relações de vizinhança para fora dos limites da proximidade imediata.

#### AGRADECIMENTOS, LISTA DE PARTICIPANTES E INFORMAÇÕES:

##### Agradecimentos:

A todos os participantes no Workshop. À equipa da EMAC - Cascais Ambiente.

**Equipa responsável pela organização e dinamização do Workshop:**

André Miguel; Inês Valente; Miguel Brito; Pedro Antão; Pedro Gil; Teresa Ribeiro; Teresa Pelágio e Ana Entrudo

**Lista de participantes inscritos:**

Ana Domingues	Câmara Municipal de Lisboa
Ana Entrudo	DGADR
Ana Firmino	Univ. Nova de Lisboa/Alimentar Cidades Saudáveis
Ana Luís	C M Loures
Ana Margarida Ferreira	Universidade de Lisboa
Anabela Pascoal	Cascais Ambiente
Carlos Pinha	AMBA - Ass Moradores freg Misericórdia
Catarina Fonseca	Câmara Municipal de Lisboa
Cecília Delgado	Universidade Nova de Lisboa / Alimentar Cidades Sustentáveis
Cristina Manuela da Silva Ferreira	Lipor
Elisabete Cunha Mesquita	Camara Municipal de Setúbal
Filipe Silveira	Green Circle
Isabel Alves	C.M.Seixal
Luís Alexandre Charrua Diniz	
Marcus Filipe Mexias Rodrigues	Estudante
Margarida Caldas	ESEI Maria Ulrich
Maria Inês Guimarães	CERCICA
Maria José Ilhéu	Rede Rural Nacional
Marlene Marques	Câmara municipal de loures
Marlene Marques	Instituto Superior de Agronomia
Olga Marina dos Reis Brito	Junta de Freguesia de Santo António dos Cavaleiros e Frielas
Paula Alberto	CM. Oeiras
Paulo Crossas	Nicewash
Ricardo Vicente	Green Circle
Rodrigo Campos Salles	Sementes Vivas
Sónia Lança	C.M.Seixal

**Elaboração:** Cecília Delgado | CICS.NOVA – FCSH Universidade Nova de Lisboa | Alimentar Cidades Sustentáveis

**Colaboração:** Cristina Ferreira; Maria José Ilhéu; Rodrigo Salles

**Data:** Março, 2019

**Link para as fotos do evento:** <https://photos.app.goo.gl/g6eWmR9tu9z8SxzB6>

**Email:** alimentarcidadessustentaveis@gmail.com